

ORALIDADE: INTERESSE E/OU DESINTERESSE NAS AULAS?

Bruno Fernando da Silva Cubas (UEL)

RESUMO: O presente artigo tem como principal objetivo discorrer sobre a importância da oralidade nas aulas de Língua Portuguesa, analisando fatores que influenciam o engajamento dos alunos e, com isso, impactam o processo de ensino e aprendizagem da língua materna. Fundamentado principalmente nos estudos de Nonato (2018), Azevedo; Galvão (2015) e Magalhães; Carvalho (2018), este texto foi construído durante nossas observações de estágio curricular obrigatório de ensino fundamental II em escola estadual de Londrina-PR. Procurou-se explorar as dinâmicas envolvidas no interesse e/ou desinteresse dos alunos nas aulas que desenvolvem aspectos da oralidade, oferecendo percepções para compreender melhor essa abordagem de ensino e discutir estratégias pedagógicas mais eficazes nos diferentes campos da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: oralidade; interesse; ensino de Língua Portuguesa.

Introdução

Este artigo aborda constatações iniciais do trabalho da oralidade nas aulas de Língua Portuguesa no período de observação do estágio. Num primeiro momento, foram constatados problemas de desinteresse por parte de alguns alunos de ambas as turmas de 8º anos de uma escola estadual na região central de Londrina (PR). Este contexto provocou-nos a refletir sobre a possibilidade de a oralidade ser um fator de interesse nas aulas, trabalhando-a em conjunto com a escrita.

Conversaremos aqui sobre o papel do professor, que é relevante para que o trabalho se dê de forma produtiva, agregadora, mesclando forma com conteúdo, tendo em mente que está formando sujeitos que convivem em uma sociedade exposta a variedades linguísticas. Veremos também a oralidade como objeto de ensino e os seus impactos nos sujeitos que a dominam.

1 A oralidade: conceito e impactos como objeto de ensino

Para iniciarmos nossa conversa, definiremos o conceito de oralidade. Segundo Marcuschi (2001, p.25) a oralidade é definida “como prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na

realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso".

Nós produzimos textos orais diariamente, desde uma conversa simples até participações em eventos, debates etc. A oralidade ultrapassa barreiras de cultura e de variação da língua, influenciando a forma como nos expressamos e tornando-se essencial para a transmissão de conhecimento, tradições e construção de vínculos na sociedade.

Qual é a relevância da oralidade no ensino de língua portuguesa? Azevedo e Galvão (2015) destacam a

necessidade de os indivíduos desenvolverem competências linguístico-discursivas por meio de diferentes gêneros de textos nas interações da vida cotidiana, sejam elas mais espontâneas (como nas interações casuais), ou mais ritualizadas (como nas interações institucionalizadas). Essa necessidade é justificada por termos em mente que as pessoas se tornam sujeitos críticos e aptos para agirem em seu meio a partir dessas interações e dos lugares sociais diversificados, que as possibilitem falar - assumindo uma determinada posição – argumentar, concordar, discordar, desempenhando papéis a cada momento da vida cotidiana (p. 251).

É importante o ensino de oralidade para que o nosso aluno consiga transitar por todas as esferas da nossa sociedade com o domínio linguístico de cada uma delas.

Mas como podemos abordar a oralidade em sala de aula? Primeiramente, é necessário ter em mente o porquê trabalhar a oralidade com os aprendizes. A resposta parte do pensamento de que trabalharemos a oralidade para que pessoas se tornem sujeitos críticos e dominem os modos de dizer da sua língua e construam conhecimentos discursivos para atuar dentro e fora da escola. É importante termos em mente a noção de que estamos lidando com pessoas, e que cada pessoa tem uma cultura, um nível social e fala a língua portuguesa nas suas variedades de uso, de acordo com a sua região e/ou esfera social em que vive.

Segundo Magalhães e Carvalho (2018, p. 115), “o ensino de oralidade deve privilegiar os gêneros orais da esfera pública, por meio das atividades em que as relações entre fala e escrita sejam vistas na heterogeneidade (diversidade) construtiva da língua”. Os gêneros orais da esfera pública, podem ser debates regrados, mesas-redondas e um outro gênero atual que está em alta é o podcast. A oralidade também pode ser trabalhada por meio de pequenos discursos em torno de temas e situações diversas; como por exemplo o resumo de um filme, ou peça de teatro, síntese de um romance, entre outros.

Nonato (2018), por seu turno, propõe que “a abordagem da oralidade ocorra no seio de práticas de recepção e produção que reencontrem e ampliem experiências e os repertórios

culturais dos indivíduos que chegam à escola” (p. 56). Então, não se trata de ensinar a falar, mas sim de identificar e ampliar a imensa riqueza e variedade de usos da língua em cada esfera da sociedade.

Nestes termos, de acordo com Leal, Brandão e Lima, o trabalho com a oralidade impactará na “construção e manutenção das diferentes expressões da cultura” (2012, p. 16). Haverá uma compreensão pelos alunos de suas variações em contextos significativos de uso e eles discernirão sobre a variação no que se refere a formalidade/informalidade da língua (Fávero; Andrade; Aquino, 2005). Além disso, o aluno aumentará seu repertório linguístico oral, melhorará a sua comunicação e se tornará mais confiante ao defender seu ponto de vista em qualquer esfera da sociedade, podendo adequar a sua fala de acordo com o contexto social em que estiver presente. Os jovens adquirirão conhecimentos referentes às especificidades de gêneros informais, como conversas espontâneas e as de gêneros que exijam maior controle e regulação, como os debates regrados, relatos, entrevistas, seminários, entre outros. O trabalho com a oralidade nas aulas de Língua Portuguesa influenciará na construção de vínculos sociais entre os indivíduos.

2 Contexto de observação no estágio

Nossa observação foi realizada em um colégio estadual localizado na região central de Londrina-PR. É um colégio tradicional da cidade, amplo, com salas grandes, funcionando nos períodos manhã, tarde e noite. Todos os alunos usam uniforme e possuem carteirinha e a mostram logo na entrada para identificação. Quem vem sem uniforme tem a carteirinha retida e só pega novamente no dia seguinte quando vier uniformizado.

Foram observadas duas turmas de 8º anos, A e B, com idade entre 13 e 14 anos. Cognitivamente fortes, cada turma contava com cerca de 30 a 35 alunos. A professora regente da turma é bem comunicativa, muito clara com as palavras, formada pela UEL em Português e Espanhol. Está há 10 anos como professora, tendo trabalhado em várias escolas. Portanto, possui uma experiência em sala de aula, tem “bagagem” como professora. Se comunica com os alunos de forma clara, respeitosa e os alunos devolvem o tratamento à professora.

Logo nas primeiras aulas da minha observação, notamos o desinteresse por parte de alguns alunos de ambas as turmas - desinteresse esse notado a partir de conversas paralelas e uso de celular enquanto a professora estava conduzindo trabalhos e fazendo explicações.

Passadas umas cinco aulas de observação das turmas, a professora preparou uma aula cujo tema seria “debate regrado” e assunto seria “Uso de Celular em Sala”. Nesse trabalho com a oralidade, ela dividiu a turma ao meio: uma parte da turma seria a favor, enquanto a outra seria contra. Eles teriam que pesquisar argumentos para defender o motivo de serem contra ou a favor do uso do aparelho em sala de aula.

Foram dadas duas aulas para que eles pesquisassem e tirassem dúvidas antes do debate acontecer. Foi ressaltado que o gênero debate possuía uma linguagem específica, assim como outros gêneros possuem sua própria linguagem, e seria um dos fatores analisados pela professora para atribuir nota.

Nesse período de aulas de preparação, notamos que todos os alunos estavam participativos – inclusive alguns alunos que estavam atrapalhando as aulas anteriores, (conversando paralelamente e em alto tom). Os que estavam conversando paralelamente continuaram a conversar, mas agora a conversa era sobre o tema da aula. Mudou o sentido da conversa, a atividade despertou o interesse. Os que usavam celular paralelamente, passaram a usar para pesquisar o tema proposto. Portanto, as turmas se debruçaram sobre o tema, houve interesse; primeiro, porque o assunto é atual, depois porque é do interesse deles, já que a maioria quer usar o celular.

Passadas as duas aulas de preparação e chegando o dia do debate, a professora dividiu a sala, quem era a favor do uso de celular ficou de um lado e os que eram contra ficaram do outro, carteiras postas frente a frente. A professora foi a mediadora do debate, fixou o tempo de 1 minuto para cada grupo argumentar, com réplica e tréplica. Os alunos trouxeram bons argumentos, usaram léxicos próprios da esfera, se portaram bem, tivera empatia enquanto o outro grupo defendia o seu ponto de vista, respeitando o tempo de fala do outro.

Chamou-nos a atenção os argumentos trazidos pelos alunos que foram contra o uso do aparelho celular em sala, pois mesmo sendo mais difícil estabelecer argumentos contra o uso, eles conseguiram argumentar bem, falaram dos malefícios, conseguiram trazer bons argumentos, relacionados aos malefícios nos aspectos cognitivos do ser humano, com referências em estudos feitos por profissionais de saúde. Eles também trouxeram medidas adotadas por países desenvolvidos que proibia o uso do aparelho celular em sala por motivos que afetam a cognição. Embora tivessem menos argumentos, eles conseguiram defender aquilo que foi proposto com boas palavras e no tempo estimado.

Os alunos que foram do grupo a favor também falaram muito bem, trouxeram bons argumentos com referências para o uso do aparelho celular em sala, defendendo que o uso do celular seria benéfico até para o meio ambiente, pois se escrevessem e fizessem provas, trabalhos e atividades no celular, diminuiria o corte de árvores no mundo (desmatamento), menos lixo iria circular no meio ambiente e seriam mais práticas as aulas.

Percebemos que todos os alunos participaram da aula e a dinâmica funcionou, com cada um falando na sua vez. Notamos também que os alunos se sentiram à vontade para falar, tanto quem foi contra como quem foi a favor.

Importante ressaltar como a professora foi assertiva nesse trabalho com a oralidade, tanto por escolher o gênero debate, quanto o tema “uso de celular em sala de aula”, que é atual e do interesse dos jovens, o que culminou no interesse de ambas as turmas, principalmente dos alunos que estavam demonstrando desinteresse nas aulas de Língua Portuguesa. O trabalho encaixou bem com o perfil dos alunos.

Por meio dessa atividade, os jovens: desenvolveram competências linguístico-discursivas, puderam entender que em cada esfera da sociedade possui um meio próprio de linguagem, específico; compreenderam o tipo de linguagem própria do gênero debate; conheceram/se apropriaram de palavras usadas naquele contexto; combinaram oralidade com escrita (expressaram de forma oral aquilo que pesquisaram escrito) e puderam interagir em outro meio social. “A valorização de textos de tradição oral é importante para construção e manutenção das diferentes expressões da cultura da comunidade e do país, a partir dos conhecimentos transmitidos nas interações orais pelas gerações mais velhas às mais novas.” (Leal; Brandão; Lima, 2012, p. 16).

Esta atividade, assim como outras, desenvolvem a capacidade dos nossos alunos para usar as palavras, preparação de pessoas públicas que saibam se expressar de forma clara, deixando nossos jovens preparados para argumentar em qualquer esfera social o seu ponto de vista.

Muitos professores têm apresentado dificuldades para implementar estratégias metodológicas firmadas no objetivo de desenvolver a competência linguística da oralidade em seus alunos. Isso nos revela que, talvez, os docentes estejam perdendo de vista o perfil do aluno, a concepção interacional da linguagem, o objeto de ensino (textos orais e escritos), como também uma metodologia que permita a formação do cidadão crítico idealizado nas orientações contidas na proposta oficial vigente. (Azevedo; Galvão, 2015, p. 262)

É importante que nós, como professores(as), tenhamos uma percepção quanto ao perfil das turmas, para tentarmos encaixar o trabalho com a oralidade ao perfil da turma. Talvez possa não funcionar o debate, mas existem outras formas de trabalhar a oralidade. Por exemplo, pode ser o resumo oral de um filme ou peça teatral, pode ser um *podcast*, pequenos discursos em torno de temas e situações diversas, até trazer objetos e propor que o aluno nos convença a comprar – enfim, a oralidade pode ser trabalhada de diversas formas e cabe a nós, professores, definirmos de que forma a trabalharemos. A nossa percepção é inerente ao trabalho com a oralidade, cada turma irá ser mais produtiva de acordo com determinada forma de trabalho que implementarmos.

Reflexões finais

A partir desse trabalho, não poderíamos deixar de refletir, com a oralidade, sobre o nosso papel como docentes e futuros docentes, para que empreguemos esta abordagem de forma assertiva em nosso trabalho. É imprescindível termos em mente de que estamos lidando com pessoas e cada ser humano irá se expressar oralmente de uma forma. Vivemos em um país que, culturalmente falando, é muito rico e com uma enorme variação linguística de norte a sul.

“A aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e escuta, em contextos públicos, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la” (Brasil, 1998, p. 25). Cabe a nós professores, levantarmos características típicas da fala, ressaltar a importância de uma fala coerente, trabalhar a oralidade buscando aproximá-la da realidade do aluno fora da escola, para que formemos sujeitos críticos, capazes de produzir uma boa fala em qualquer situação ou problema em que ele venha a enfrentar.

Nosso objetivo aqui foi apontar como o ensino da oralidade nas aulas de língua portuguesa, pode ser um fator de interesse, se bem alinhado com o tipo de trabalho e como pode ser um fator importante na formação de sujeitos autônomos e competentes em diversas situações do uso da fala.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Josilete Alves Moreira de; GALVÃO, Marise Adriana Mamede. A oralidade em sala de aula de língua portuguesa: o que dizem os professores do ensino básico. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 249-272, 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF; 1998.

LEAL, Telma Ferraz; BRANDÃO, Ana Carolina Perussi; LIMA, Juliana de Melo. A oralidade como objeto de ensino na escola: o que sugerem os livros didáticos? In: LEAL, Telma Ferraz; GOIS, Siane (Orgs). **A oralidade na escola:** a investigação do trabalho docente em foco de reflexão. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 13-35.

MAGALHÃES, Tânia Guedes; CARVALHO, Thalita de Almeida Bessa. Análise do eixo da oralidade na Proposta Curricular de Língua Portuguesa da rede municipal de ensino de Juiz de Fora (MG). **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 99, n. 251, p. 11-131, 9 maio 2018.

MARCUSCHI Luiz Antônio. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. In: DIONISIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Livro didático de português:** múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucerna; 2001. p. 19-34.

NONATO, Sandoval. Processos de legitimação da linguagem oral no ensino de língua portuguesa. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 38, n. 105, p. 222-239, 2018.